

Serviços partilhados

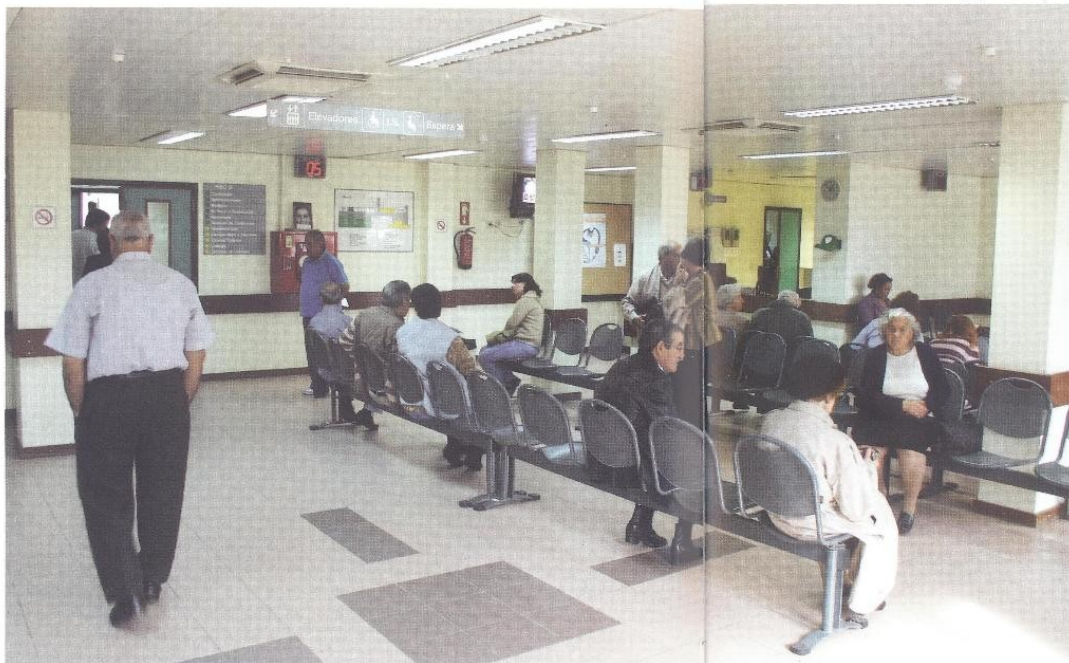
# A união faz a força

A primeira unidade empresarial de serviços partilhados em saúde foi anunciada em Abril. A experiência piloto revelará as suas conclusões no final deste ano, mas as expectativas de poupança situam-se na ordem dos 140 milhões de euros ao longo dos cinco anos estabelecidos como duração mínima.

**D**e agora em diante os gestores hospitalares podem dedicar-se mais àquilo que é a sua vocação: os cuidados de saúde. Tarefas como compras e logística foram entregues nas mãos de uma nova entidade, o Agrupamento Complementar de Empresas (ACE) Irata-se de um organismo cujas funções são centralizar, otimizar e racionalizar a aquisição de bens e serviços. Para já, a experiência vai incluir três grupos hospitalares: o Centro Hospitalar de Lisboa Central (hospitais D. Estefânia, Capuchos, Santa Maria, S. José e Desterro), o Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental (hospitais Egas Moniz, Santa Cruz e S. Francisco Xavier) e Hospital Santa Maria. Ao todo, o ACE vai representar os interesses de 9 instituições de saúde, que no conjunto representam 17 por cento do Serviço Nacional de Saúde.

Assim que a experiência piloto estiver concluída, todas as instituições prestadoras de cuidados de saúde, públicas ou privadas poderão aderir ao ACE.

“Os serviços partilhados em Saúde constituem uma grande oportunidade para a modernização das organizações hospitalares. Ao libertarem-se



O ACE começa com um investimento de 7 milhões de euros, suportados pelo SUCH. Espera-se que no final do primeiro ano, o valor desse investimento esteja recuperado.

das funções não estratégicas, permitem concentrar-nos na nossa actividade principal, que é precisamente a prestação de cuidados de saúde ao doente, contribuindo ainda para o aumento da eficácia e eficiência dos processos de gestão”, afirmou Teresa Sustelo, presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar de Lisboa Central.

O Serviço de Utilização Comum dos Hospitais

(SUCH) é a entidade que maior participação vai ter nesta mudança. Fundada em 1966, o SUCH agrupa 104 entidades do sector da saúde, servindo cerca de 1.400 clientes, entre hospitais e centros de saúde, misericórdias e outras instituições do sector. Presta serviços de gestão de instalações e equipamentos, higiene, ambiente e alimentação. É uma instituição sem fins lucrativos, destinada a promover a redução

em conjunto e ganhar no preço. Além da compra beneficiar do abaixamento do custo, decorrente da maior quantidade, uma vez que é feita em grupo, há ainda a vantagem do prazo reduzido para pagamento, outro aspecto que permite negociar melhores preços.

José Miguel Boquinhas, presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar de Lisboa Central acredita na viabilidade da experiência. “Desde 2005 que os três hospitais que constituem o CHLO têm vindo a articular várias funções ao nível das compras, com resultados assinaláveis em poupanças alcançadas, na optimização dos recursos e no aumento da eficiência e eficácia. É decididamente uma experiência de como os Serviços Partilhados são um pilar fundamental na gestão dos hospitais”, frisou.

Em cinco anos, com a intervenção do ACE prevê-se uma poupança na ordem dos 140 milhões de euros. Desde a redução dos preços e de inventário, passando pelos custos operacionais dos hospitais agrupados, até aos gastos com perdas de stocks, o objectivo é sempre o mesmo: reduzir o desperdício e obter melhores preços.

Segundo Adalberto Campos Fernandes, presidente do Conselho de Administração do Hospital de Santa Maria, os ganhos são para todos - “os utentes, porque terão um melhor serviço; as instituições prestadoras de serviços de saúde, porque vão poder concentrar-se na sua actividade estratégica que é prestar cuidados de saúde; o sector, designadamente o SNS, porque vai conseguir poupanças significativas nas compras de bens e serviços, libertando assim fundos para o sistema, e ainda otimizar os processos de funcionamento; e finalmente o contribuinte, porque poderá vir a pagar menos impostos”, afirmou.

## Limitar os bons

Esta inovação segue a orientação daquelas que são consideradas as melhores práticas internacionais, nomeadamente nos sistemas de saúde europeus. Mas não só. O modelo existe há vários anos nos Estados Unidos e Nova Zelândia, dois dos países que, em conjunto com o Reino Unido, a Espanha e a Irlanda, funcionaram como casos demonstrativos do potencial de poupanças possíveis de obter. Nestes casos, as poupanças atingiram entre 10 a 20 por cento dos custos iniciais. A recuperação do investimento foi con-



seguida em prazos inferiores a 4 anos.

Por cá, o ACE começa com um investimento de 7 milhões de euros, suportados pelo SUCH. Espera-se que no final do primeiro ano, o valor desse investimento esteja recuperado.

Para já as expectativas são as mais optimistas. Paula Nanita, presidente do Conselho de Administração do SUCH está confiante. “Estão reunidas as condições para que esta primeira unidade empresarial venha a ganhar rapidamente a adesão das diferentes instituições de cuidados de saúde em Portugal”, afirmou.

Além das vantagens financeiras obtidas através da poupança, a empresarialização dos serviços partilhados tem também em mira benefícios que, embora escapem à escala dos números, são considerados ganhos importantes. A simplificação dos processos, a uniformização, a gestão fiável da informação, organizada e agregada, bem como a supressão de actividades sem valor acrescentado, ou o incremento da flexibilidade e a partilha de melhores práticas são, em conjunto com a poupança, algumas das metas deste ACE.

Edite Espadinha